BARDADRAC: ABC DE GERARD GENETTE

por Ana Amelia Barros Coelho¹

Era uma disciplina do curso de graduação, como tantas outras, mas única e fundamental ao seu modo. Fazia parte das leituras um texto de Gérard Genette, talvez não o primeiro que li na faculdade: "Silêncios de Flaubert", publicado em *Figures I*. Deveríamos "estabelecer uma relação entre a análise apresentada por Genette em "Silêncios de Flaubert" e o estruturalismo", escrever um texto procurando o estruturalismo num texto estruturalista — uma *mise en abyme* que à primeira vista me deu vertigens.

Durante a aula em que discutíamos os "Silêncios", ficou claro para mim como seria possível escrever um texto sobre esse texto, que falava de outros textos que eu não havia ainda lido, e já se mostravam maravilhosas leituras, visto o que se escrevia deles. Figurei que o que líamos era uma experiência de leitura, e eu tinha a minha que reverberava nas palavras e nas citações de Genette. A "solução" foi justamente colocar no papel uma imagem de infância, que a partir daquele momento foi se fazendo mais marcante e significativa, porque no papel.

A imagem de infância me voltou agora, lendo *Bardadrac*, do mesmo Genette, anos depois, por perceber novamente essa escolha ou maneira de ver o texto, tomando uma experiência pessoal, uma leitura de si do mundo.

Como ler *Bardadrac*, e como falar dele, senão tomando o formato de que Genette tomou para este livro, o de um dicionário? Pois então, é o que pretendo nesta resenha. Sem a ambição do pastiche, fico somente com o propósito de tecer um comentário e fazer um convite ao leitor, para que também, após a leitura deste, passe ao livro de Genette, e, caso agrade, se aventure na construção de um dicionário...

Achados. O primeiro verbete — escolhido a dedo, acredito eu, para abrir *Bardadrac* — é *Aa*, nome de um rio conhecido dos jogadores de palavras cruzadas. Por mais que conheçamos o nome, porque atípico, sabemos por onde ele passa? Ignoramos qual seria o percurso de Aa, tanto o leitor como o próprio Genette. Ele mesmo nos diz que acaba de descobrir que caminhos Aa atravessa, e tão logo nos aconselha passarmos por ele.

Pelo novo, pelo desconhecido que se abre à frente, o terreno a trilhar ao longo das 400 e tantas páginas do pesado volume é esse rio de nome singular. O "alto vale" pelo qual passa Aa, nos avisa Genette, tem somente esse nome no sentido hidrográfico do termo. Por isso, não procuremos ali nenhuma montanha.

Adaptações. Passamos o rio Aa, norte da França, e rumamos norte, em direção a Jutland, entre Dinamarca e Alemanha, ocasião para observar como espaços e objetos podem ser reajustados para servirem a novas funções. Usinas desativadas se transformam em centros culturais, e pelas antigas tubulações que ainda estão lá ressona nova uma voz, assim como, inversamente, as metáforas ainda guardam o sentido original de seus termos. Genette hesita: que palavra usar para designar um procedimento tão usual nos dias de hoje? Talvez prefira *palimpsesto*, termo já tão caro à sua obra, pelo sentido de apropriação que ele designa.

De Aa até o último verbete, zut — interjeição de surpresa, escolhida como "última palavra" —, temos um jogo entre as palavras e suas possibilidades, entre formas e conteúdos, significantes e significados.

Que sentido tomar? Seja seguindo o caminho da subversão que provoca muitas vezes o riso, seja desvendando como um arqueólogo as camadas geológicas que cobrem a

¹ Mestranda da Área de Língua e Literatura Francesa da FFLCH-USP e membro do Grupo Criação e Crítica.

linguagem no seu uso cotidiano, seja fazendo listas de palavras para que elas não se percam mais por aí, seja, como no caso de Aa, intrigando-se com a palavra mágica que se encaixa nas casinhas das cruzadas e indo buscar o que se esconde por trás das duas letras, Genette nos convida a trilhar por esses limites e recônditos das palavras, como se fosse uma viagem de férias de verão com os amigos.

Seria assim também que Genette encara a autobiografia que domina os verbetes de Bardadrac — como um novo terreno a ser percorrido, cujos mapas mostram um espaço que chama à exploração, exploração atenta das palavras e do que elas podem nos dizer?

Autobiografia. Genette não se presta a contar a sua vida, embora se preste. Eis o que diz num dos primeiros momentos. Além disso, sabemos que suas lembranças podem ser "verdadeiras ou falsas" — esse é outro dos avisos iniciais. Nesse caminho, afirmando por negações, reiterando o contrário, Genette faz um relato de seu nascimento.

Por um lado, o nascimento é instante capital da existência do sujeito, momento primeiro, inscrito numa série de referências temporais, espaciais, civis e familiares, digno de ser descrito. Por outro, o que se espera de um relato de nascimento em primeira pessoa, em que o próprio sujeito pouco ou nada tem de lembranças suas?

Como disse Lejeune a esse respeito (1986, p. 310), "se soubéssemos, não escreveríamos... Escrevemos a nossa vida para tão somente preencher esse abismo insondável do nascimento". O discurso da memória e a memória são instâncias apartadas quando se fala sobre o próprio nascimento; trabalha-se sobre o vazio. A partir do nada, como Deus na Gênese, constrói-se todo um universo. E assim se forja a vinda de Gérard ao mundo: em paralelo aos tempos de crise de sua concepção, o começo dos anos 30, e ao imaginário paterno (protestante nada ortodoxo), uma relação literária (as ruas Stendhal e Lucien Leuwen) presente na geografia dos arredores da clínica onde se deu o parto e onde viveu algum tempo, "sem que disso tivesse conhecimento". Trata-se de Ménilmontant, bairro proletário de Paris das músicas de Maurice Chevalier e Charles Trenet, do Père Lachaise e do Mur des Fédérés, concreta lembrança histórica da Comuna de Paris que o comunista Gérard vai celebrar durante seus anos de juventude militante.

Autor. Visto que, ainda segundo Lejeune (1986, p. 317), "quando a memória acredita procurar uma fonte, na verdade ela trabalha na identificação de ecos", narrar o nascimento é trabalhar sobre a construção de sua identidade, mas é também fazer a apropriação desse momento, e tornar-se autor de suas origens.

Se o começo da vida e a primeira memória consciente se dão em momentos distintos, poderíamos afirmar por extensão que toda experiência e a memória dela não são simultâneas, e que conjugar a memória e o discurso é uma questão de escolha. Nessa perspectiva, em *Bardadrac*, de um verbete a outro passamos de Paris ao seu subúrbio, lugar da residência de infância, dos rios onde se nadava nos fins-de-semana aos impasses do engajamento político, das paisagens campestres aos corredores do preparatório Lakanal que o levaram — diz ele, por uma força do destino — à École Normale Supérieure e ao percurso intelectual que conhecemos. Essas regiões distintas, penso eu realmente estanques em sua apresentação, só poderiam mesmo encontrar certa conformidade na organização alfabética de um dicionário.

Ainda assim, Genette, em suas idas e vindas, viagens diversas, das "vidas duplas", o de Paris e do subúrbio, das internações por conta da tuberculose, da escolha e do abandono ao partido comunista, dos amores furtivos e o das discussões teóricas, são o mesmo e um só.

Bardadrac. Bolsa enorme e informe, que continha tantas e tantas coisas que ali dentro nada se encontrava. Por extensão, toda espécie de desordem, o caos do universo e arredores inclusos. Palavra de uso íntimo que Genette quis levar além de um círculo restrito, e

daí, pode-se pensar, a razão de escolhê-la como título, que resume, como deixa entender, suas experiências de vida de estudante, de militante, de adolescente — quando ainda os adolescentes não se chamavam adolescentes — apaixonado.

Dicionário. Foi-se o tempo em que sabíamos bem o que eram dicionários; eles tinham a função que esperávamos deles, nos diz Genette. Hoje, desde quando não sabemos, tomam formas as mais diversas, que se afastam do "sentido primeiro". Fazendo ele próprio uma subversão do formato, como eco de outros dicionários e compêndios diversos (Voltaire, Flaubert, Montaigne, Perec, Vialatte são algumas referências diretas), Genette busca reunir palavras cujos sentidos se perderam; etimologias falsas, mas charmosas; nomes de lugares que já não existem mais; piadas de outros tempos; instituições que mudaram de nome; provérbios e outras frases que se ouvia antigamente, hoje desaparecendo ("teu pai não é vidraceiro"); nome e localização, entre outros detalhes, de *clubs* de jazz nova-iorquinos que fecharam já se vão vinte anos; diálogos que ele ouviu não se sabe mais onde. Tanto é que, ele nos avisa: há citações sem aspas e aspas sem citações.

Esquecer. São frequentes os "esqueci quando foi", "não me lembro mais onde isso aconteceu", "perdi a fonte que poderia me esclarecer essa questão", "não tenho mais a lembrança" nas histórias que Genette nos conta. Mesmo ao elencar em algumas páginas "Je me souviens", aparecem na lista alguns "j'ai oublié", dos quais este vale citar: "Je me souviens de Bing Crosby, Dean Martin, Nat King Cole. J'ai oublié Frank Sinatra". Ele nos diz que o fato de lembrar é mais importante do que a lembrança em si. E com isso nos mostra que lembranças são feitas de esquecimentos, de lacunas — conscientes ou não. Arrisco dizer que saber que se esqueceu de algo é guardar a lembrança desse esquecimento, e isso já é alguma lembrança, informação em que se apoiar. "Eu me lembro, e você?" — ele nos pergunta.

"Eu...". "Gérard Genette, especialista de..." — e a frase não continua. De alguma coisa, provavelmente. Em outro momento, uma pessoa no telefone pede para "falar com o secretário de Gérard Genette". O próprio, vexado de não ter secretário, disfarça a voz, depois volta a responder dizendo que o secretário não se encontra, e que o senhor Genette em pessoa fala ao telefone. Ele relata esses momentos embaraçosos despretensiosamente, ou melhor, com a intenção de fazer rir. E consegue. Genette nos conta ainda, sem muito comentar, o fato ter sido chamado de Jean Genet — confusão pela qual acredito que muitos já passaram, e eu mesma me incluo nesse tipo de situação. Uma moça me pede na biblioteca um livro de "Genette", com uma pronúncia vacilante do *t* final, e eu a dirijo à prateleira de "teatro francês".

Preocupa-se com o futuro do planeta (felizmente não haverá ninguém na terra quando não houver mais água potável). Pensa em abrir brevemente um *site* na internet, quem sabe com adendos a *Bardadrac*. Finalmente, em seus devaneios sobre a "vida póstuma", deseja, assim como Stendhal, ser lido em 1930.

Gêneros. "Pretextos para confusão". Nesse sentido, um *reality show* pode ser comparado a Rohmer ou mesmo a Marivaux.

Imprensa. Observador arguto das práticas da escritura jornalística, Genette constrói um — seria o primeiro? — compêndio dedicado ao *medialeto* em língua francesa. Sob o tom do sarcasmo e da ironia, apontando o dedo em riste, mas sem deixar de esconder o sorriso no canto dos lábios, Genette faz uma lista alfabética, dicionário dentro do dicionário, de manias e tiques do dialeto das mídias, fruto da pretensão e da ignorância dos profissionais, que produzem as "turpitudes verbais da linguagem dos nossos tempos". Crônica é sempre de coisa

anunciada, epopeia é o mesmo que odisseia, as figuras são sempre emblemáticas, as perdas são cruéis e os temas são recorrentes. Proust fez três coisas: respondeu um questionário, comeu *madeleines* e dormiu cedo.

Dentro dessa lógica midiática, Genette propõe que se declare de *Bardadrac* que (e eu me sinto na obrigação de informar) se trata de textos recolhidos numa perspectiva muito coerente, organizados sem ordem cronológica, e que, procurando bem, acha-se no livro alguma coisa inédita. Seria dizer justamente o contrário do que se é, mas a negação daria melhor imagem ao livro.

Lema. Na atual falta de lema, é retomar os lemas que já se teve.

Listas. Uma lista das listas de *Bardadrac* não seria má ideia, mas acredito não caber neste texto. Já que falo de ideia, cito ao menos uma lista de falsas-boas-ideias, ideias que à primeira vista parecem boas, mas que na prática mostram-se inúteis, segundo ele – como o café solúvel ou o leite em pó, as músicas dos filmes de Hitchcock ou o marca-páginas de seda da coleção Pléiade, para citar somente algumas...

Modo de usar. Acho no mínimo corajoso — como pouco produtivo — ler um dicionário de inglês de A a Z, sem pular nenhum termo, como vi um moço fazer dia desses. Que dicionário se lê assim? Desta vem outra pergunta: como ler *Bardadrac*, rumo ao norte, da primeira página à última, invertendo a ordem alfabética, ou simplesmente colhendo aqui e ali um verbete que agrade?

Tal pergunta pode voltar ao leitor quando se deparar com a crítica que Genette faz ao "septentriotropismo abusivo" dos mapas e de toda representação cartográfica. Tendo o norte sempre acima em guias e mapas de viagem, como o viajante deve fazer para se guiar com as mesmas referências na ida e na volta? O conselho: pegue seu mapa, e vire-o ao contrário quando for conveniente. Se for difícil ler as palavras de ponta-cabeça, Genette acredita que um programa de computador poderá facilmente resolver o problema. É possível ter diversos mapas com a orientação que melhor agradar a cada momento, seja ida ou retorno de viagem pela estrada.

Como todo dicionário, *Bardadrac* tem entradas que se relacionam e referências internas, termos "falados anteriormente", histórias que se interrompem para continuar páginas e páginas à frente. Mas chave de leitura não há; muito menos indicações ou garantias de que as promessas de "quem sabe digo mais tarde..." serão cumpridas.

Ônibus. Não recomendo que se leia *Bardadrac* em ônibus. Sem desmerecer nem um nem outro "lugar para leitura", e muito menos desmerecendo o conteúdo possível de uma leitura nos transportes públicos (incluo aqui trem, metrô e similares), *Bardadrac* é para se ler deitado na cama, com luz natural, ou na escrivaninha onde se fazia os deveres de casa, sob a luz da luminária. Há livros ideais para se ler no ônibus, de letras grandes e dimensões mais modestas.

Roland Barthes. Personagem entre outros, como Tzvetan Todorov, Michel Foucault, Paul de Man, Jacques Derrida, ou Jean-François Lyotard. Suas aparições são, em comparação aos outros, mais frequentes. Genette nos conta de que maneira se conheceram, como ele quase foi o *ghost-writer* da resposta ao famoso artigo de Raymond Picard (*Crítica e verdade* é a resposta escrita por Barthes), como reagiu quando de seu acidente e de sua morte, entre outros episódios.

Barthes atua como co-protagonista da trajetória intelectual de Genette, e, não somente, mas também, é objeto de observações que, por certo respeito, Genette havia

preferido calar. Isso porque no fim das contas nada é simples, e, nas palavras do próprio Barthes, "as besteiras das pessoas inteligentes são as mais fascinantes".

Genette recupera que traços Barthes deixou, seja nas obras que todos conhecemos, seja nos desenhos que imitavam escritos, ou mesmo nas folhas que deixou em branco.

Silêncio. Quando pequena, no sobrado de Pinheiros, era hora de dormir. As persianas difundiam uma sombra azul-cinza, reflexo dos carros cruzando a rua tranquila, velocidade reduzida, o papagaio da cabeceira da cama de revestimento branco passava por algum tipo de transformação, e eu ouvia claramente. Sim, era o único momento em que era possível ouvir, presente, perfeito, concreto. Ele se colava às orelhas. Era como se uma mulher pequena, minúscula, de pé num dos vãos da orelha, agitava sem parar um lençol numa janela, na mesma cadência dos passos de quem acaba de chegar pela porta à minha frente, a porta do quarto à beira da cama, onde meus pés pareciam se apoiar, fazendo as vezes do chão de quando estou de pé. Vestindo o casaco pendurado na porta, ali estava ele.

Era a imagem que eu me fazia do silêncio.

Num momento impreciso da madrugada, quando não se pode dar conta dos limites da consciência, o silêncio vibrava singularmente, como um silêncio que só pertence àquela época, àquela conformação, àquele lugar. Não o ouço mais. Tudo o que posso é senti-lo, ou nem isso, somente esboçar uma definição, reconstruí-lo em palavras. Explico a inércia dos movimentos noturnos e da minha percepção do mundo, menos tolhida por ideias e conceitos, naquele momento, ou os batimentos cardíacos que controlavam os braços da pequena mulher cujo rosto não revejo. Tentativa desde o começo vã de recuperar esse silêncio que me dizia tantas coisas enquanto esperava a chegada de sonhos divertidos, de pesadelos familiares que se repetiam quando estava doente. Todos eles presos às páginas da infância, fotos coladas cuidadosamente num álbum. Movimentos readquiridos estritamente pela escrita, e só ela nos traz.

Genette conta que antes de ser executado na guilhotina, um condenado toma o cuidado de marcar o livro onde parou a leitura. O mesmo respeito do condenado "à coisa escrita" ecoa na preocupação de Genette com os sentidos possíveis das palavras-valise e das metáforas incoerentes, a obstinação em encontrar a verdadeira acácia, dentre tantas outras flores que *se chamam* acácia, mas não *são* acácia. Reflete sobre a crítica, "praticada como uma das belas-artes", buscando retificar e dizer coisas "caso eu não tenha dito antes em algum outro lugar".

Dentre as camadas de tinta que se sobrepõem nos palimpsestos, salva do silêncio os nomes e lugares distantes, traços numa folha em branco, histórias sem data, para repeti-los quantas vezes ainda — não se sabe. As palavras se desdobram e transbordam as suas margens, para se evaporarem sem nos darmos conta.

Genette aglutina as acepções do termo *zarzuela* — gênero de ópera-bufa espanhola, nome também de uma residência real e de uma sala de teatro madrilenha — e possíveis sinônimos: bouillabaisse, waterzooi, bardadrac, albergue espanhol. Fazendo referência indireta a uma citação do *Petit Robert* para *albergue espanhol*, ele aproxima este da leitura: "cada um nele encontra o que a ele trouxe".

Retomando o começo do meu texto: como falar de outro silêncio, senão procurando um silêncio meu, no qual eu pudesse sentir os ecos que eu lia? O que busquei trazer a essa leitura, leitura de leituras, dicionário de dicionários, histórias de uma história, é esse silêncio: a primeira e a última palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GENETTE, Gérard. *Bardadrac*. Paris : Seuil, 2006. LEJEUNE, Philippe. "Récits de naissance". In : *Moi aussi*. Paris : Seuil, 1986.